



2227 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

?MATCH PERFEITO?: PEDAGOGIAS DE GÊNERO E AFETIVIDADE NO TINDER

Tatiana Marques da Silva Parenti Filha - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Para Marialva Barbosa (2003:15) *o século XXI é definitivamente o século da comunicação. [...] que transfigura a forma como nos relacionamos com o outro [...] tempo de mudanças, de transformações, de incertezas.* Nesta direção, podemos dizer que vivemos atualmente um momento em que as tecnologias digitais, os novos artefatos de comunicação, entre outros, alteram os nossos modos de viver, de se relacionar, comunicar e, também, os modos de nos constituirmos. Neste contexto as pessoas, sujeitos deste processo complexo, utilizam-se da internet para se conectar ao mundo e estabelecer relações com outras pessoas. Para a presente reflexão, focalizo narrativas analisadas em Páginas do Facebook sobre os usos e apropriações do aplicativo Tinder, que considero operarem como pedagogias culturais, que estou chamando de “Pedagogias do Tinder”, e essas prescrevem como homens e mulheres devem se portar, relacionar e se apresentar neste ambiente digital. Tais narrativas regulam condutas e produzem modos de agir e por isso possuem um estatuto pedagógico, uma vez que se propõem a “[...] modificar alguma coisa em alguém”, tal como TADEU & CORAZZA (2003, p.38) indicaram, ao focalizarem outras temáticas.

### Resumo

Para Marialva Barbosa (2003:15) *o século XXI é definitivamente o século da comunicação. [...] que transfigura a forma como nos relacionamos com o outro [...] tempo de mudanças, de transformações, de incertezas.* Nesta direção, podemos dizer que vivemos atualmente um momento em que as tecnologias digitais, os novos artefatos de comunicação, entre outros, alteram os nossos modos de viver, de se relacionar, comunicar e, também, os modos de nos constituirmos. Neste contexto as pessoas, sujeitos deste processo complexo, utilizam-se da internet para se conectar ao mundo e estabelecer relações com outras pessoas. Para a presente reflexão, focalizo narrativas analisadas em Páginas do Facebook sobre os usos e apropriações do aplicativo Tinder, que considero operarem como pedagogias culturais, que estou chamando de “Pedagogias do Tinder”, e essas prescrevem como homens e mulheres devem se portar, relacionar e se apresentar neste ambiente digital. Tais narrativas regulam condutas e produzem modos de agir e por isso possuem um estatuto pedagógico, uma vez que se propõem a “[...] modificar alguma coisa em alguém”, tal como TADEU & CORAZZA (2003, p.38) indicaram, ao focalizarem outras temáticas.

**Palavras –chave: Estudos Culturais em Educação; Tinder; narrativas; pedagogias de gênero; afetividade.**

### Introdução

Para Marialva Barbosa (2003:15), *o século XXI é definitivamente o século da comunicação. [...] que transfigura a forma como nos relacionamos com o outro [...] tempo de mudanças, de transformações, de incertezas.* Nesta direção, podemos dizer que vivemos atualmente um momento em que as tecnologias digitais, os novos artefatos de comunicação, entre outros, alteram os nossos modos de viver, de se relacionar, comunicar e também os nossos modos de nos constituirmos.

Manuel Castells, (2007) estabelece uma relação entre a forma de organização desta nova sociedade - onde tudo é sistêmico e interconectado - e o conceito de sociedade em rede. Segundo o autor, estamos vivendo uma evolução baseada nas tecnologias da informação, processamento e comunicação. As pessoas, sujeitos deste processo complexo, utilizam-se da internet para se conectar ao mundo. Nesta mesma direção, Santaella (2003) indica que as pessoas ligam-se e desligam-se de diferentes comunidades virtuais de acordo com seus interesses, valendo-se da cultura digital mediada pelo computador, em quaisquer dos artefatos em que essa se corporifica (desktop, laptop, tablet, smartphone...), o que possibilita acesso permanente à rede, principalmente por meio das redes sociais.

O telefone celular e, mais especificamente os smartphones, são hoje mais do que um meio de comunicação, uma vez que grande parte deles oferece ferramentas básicas que funcionam, de maneira geral, por meio de aplicativos (App), inclusive no modo *off-line*, que auxiliam e facilitam nosso viver cotidiano. A ampliação do número de pessoas com conexão permanente permite que a interação por meio de dispositivos móveis ocorra para além das ligações telefônicas, pois, nos dias atuais, a comunicação através do celular ocorre com mais frequência por SMS (mensagens instantâneas), *Whatsapp* (aplicativo de comunicação instantânea para celular, que necessita de conexão com a internet), *Messenger* (aplicativo de comunicação instantânea através do Facebook, que também requer conexão com a internet), entre outros aplicativos, e, ainda, por e-mail. Tais interações são realizadas pelas mais variadas razões, sendo pautadas por diversas necessidades. Nesta forma de interação, muitas são as estratégias criadas para permitir conhecer pessoas e estabelecer relacionamentos afetivos, como os *chats*, as salas de bate papo da internet, os sites e os aplicativos de relacionamento. Meu interesse, na pesquisa que aqui relato, centrou-se nas interações procedidas em relacionamentos afetivos por meio do Tinder. O Tinder é um aplicativo de encontros, que utiliza como base uma multiplataforma de localização de pessoas que aspiram encontros e que está disponível para smartphones e tablets (Android e IOS), lançado no Brasil em 2013. O estudo é uma análise cultural, na qual focalizo narrativas de usuários/as deste App comentadas em páginas do Facebook. Considero que os usos e apropriações feitas por esse aplicativo adquirem uma dimensão pedagógica – o Tinder opera como uma pedagogia cultural –, que atua, tal como todas as pedagogias, na produção de subjetividades, que, nesse caso, dizem respeito à afetividade. Cabe também indicar que, a partir de Roland Barthes – 1971; 1983 –, considero narrativa a representação de um acontecimento, real ou fictício, por meio da linguagem, mais particularmente da linguagem escrita, contudo não representa nem imita nada, mas sua função é “construir um espetáculo”.

A partir de compreensões cunhadas nos Estudos Culturais, perspectiva na qual me ancoro para produzir esta reflexão, tomo o Tinder como um artefato cultural, lembrando que artefatos culturais são sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder (SILVA, 2004, p.142).

Nas páginas do Facebook circulam narrativas e discursos sobre o Tinder que prescrevem ações e regulam os modos de agir de seus/suas usuários/as, e é nesse sentido que tais narrativas educam homens e mulheres relativamente às suas práticas afetivas. Como Louro (2008, p.17) destacou *gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto*

*inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado.* Neste artigo detenho-me em narrativas sobre o Tinder, salientando, também, a partir de Castells (2003) que as novas formas de relacionamento - *viaweb* - são, acima de tudo, uma *criação cultural* peculiar ao século XXI, no qual os grupos sociais estão em constante transformação. E *essacriação cultural* – Tinder - tem-se tornado bem mais explicitamente conhecida principalmente nos últimos dez anos, sendo desfrutada intensamente pelas pessoas.

Saliento que o corpus de análise da tese no qual este estudo se assenta focaliza postagens dos perfis fictícios do Facebook intitulados “Omi no Tinder” e “Pérolas do Tinder”. Contudo as postagens analisadas e socializadas aqui não são exatamente as mesmas da tese, visto que foram selecionadas a partir de propósitos distintos. Tanto Kozinets (2014) como Fragoso, Recuero e Amaral (2015) indicam a necessidade de atentarmos eticamente para a participação em espaços virtuais, bem como para a coleta e análise dos dados disponibilizados na internet.

Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2015:21), há autores como Elm (2009) e Ess (2009), que se dedicam a discutir questões acerca do que pertence à esfera do público ou à esfera do que é considerado privado, sendo possível classificar os ambientes virtuais em quatro níveis de privacidade, destacando, porém, que tais categorias nem sempre são estanques. São estes os níveis apontados: *Público (aberto e disponível a todos)*; *semipúblico (requer cadastro ou participação)*; *semiprivado (requer convite ou aceitação)* e *privado (requer autorização direta)* (ELM, 2009:75).

O acesso às Páginas, toda vez que empregar a palavra Página com letra maiúscula refere-se a Páginas do Facebook, perfis fictícios e comunidades do Facebook é público, mas como esses estão disponíveis a quaisquer de seus/suas usuários/as, faz-se necessário ter um perfil no Facebook para acessá-las, sendo possível, no entanto, categorizá-los como semipúblicos. Como possuo perfil no Facebook, e como tenho acesso a tais Páginas, Perfis e comunidades, estou considerando que os dados coletados não precisam ser autorizados previamente, mas, no entanto, ocultei os nomes dos/das usuários/as que as postaram.

### **Tinder: Aqui, ali, em qualquer lugar**

Não há uma data precisa que registre a disponibilização do primeiro aplicativo destinado a relacionamentos afetivos. Contudo, acredita-se que isso tenha ocorrido no período de popularização dos *Apps*, entre 2008 e 2010. Entre esses está o Tinder, que foi criado em 2012, nos Estados Unidos, por Justin Matten, Sean Rad, Jonathan Badeen e Christopher Gulczynski, e lançado no Brasil em 2013. Atualmente este App está disponível para 196 nações, sendo necessário, para utilizá-lo, tal como já indiquei anteriormente, ser usuário do Facebook, de onde o aplicativo importa os dados iniciais como fotos, interesses e grupos de amigos/as para a construção do perfil, para o qual só é possível utilizar até 05 fotos, sendo uma delas a da capa. Em seguida, é necessário delinear o perfil das pessoas que interessam ao usuário: sexo (há a possibilidade de selecionar as duas opções), faixa etária e raio de distância são alguns desses dados.

Para visualizar as pessoas mapeadas pelo aplicativo, o usuário desliza o dedo sobre a tela para a direita (arrastando o perfil de uma pessoa), se estiver interessado em contatá-la, ou para a esquerda, se não estiver interessado, sendo isso feito de forma anônima. Pode-se também ver mais fotos e informações de cada pessoa, se essas estiverem disponíveis. Ao navegar pelos perfis, há duas possíveis de escolha: apertar o botão do coração (*like*), ação para demonstrar interesse, ou o X, que descarta a pessoa. Se há interesse mútuo, ou seja, se as duas pessoas clicaram no coração (*like*), ocorre um “*Match*” (o termo usado para as combinações feitas pelo *App*). Quando ocorre o “*Match*”, e as duas pessoas aceitam conversar, a função de bate-papo faz aparecer na tela, um *chat*. Essas dinâmicas de olhar a foto do perfil, passar o dedo sobre a tela para direita ou esquerda são, geralmente, desempenhas com rapidez. Por isso, além das fotos os/as usuários/as possuem um espaço próprio para uma breve descrição.

Dentre os perfis e narrativas produzidas pelos/as usuários/as do Tinder que tenho analisado, há um número elevado que utiliza o espaço do próprio perfil para descrever o tipo de parceiro e/ou relacionamento que busca. Tais narrativas são, de maneira geral, carregadas de estereótipos de gênero, ou seja, deixam evidente comportamentos associados e naturalizados como próprios a mulheres e homens, que os posicionam em lugares sociais específicos. Cabe destacar que tais estereótipos são construídos sob a lógica heteronormativa, na qual a heterossexualidade é tida como inata e natural e por isso reiterada, constantemente, em diversas instâncias culturais. Cabe destacar que a heteronormatividade considera a heterossexualidade como norma. Tal construção é reafirmada por práticas e instituições que fazem com que ela funcione como uma categoria, um sistema de relações de poder que produz hierarquia entre heterossexuais e homossexuais, regulando o comportamento dos sujeitos (JACKSON, 2009).

Para a presente reflexão, focalizei narrativas pinçadas de alguns destes perfis, objetivando problematizar o “estatuto pedagógico” de tais narrativas, uma vez que argumento que as mesmas estão atuando na produção de subjetividades, que conformam identidades de gênero. Assim, é possível dizer que o “material didático” da “Pedagogia do Tinder” são os discursos veiculados nestas narrativas, nas quais os/as usuários/as ora se descrevem, ora descrevem o/a parceiro/a que estão procurando. Como Foucault (2009) indicou, cada momento histórico tem uma “ordem de discurso” capaz de produzir verdade e atribuir uma racionalidade às práticas de uma época ou momento, que são expressas em experiências, entendidas, neste contexto, a partir da *correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade* (2009:10).

### **Antes do “like” atente aos critérios...**

Selecionei para este estudo sete perfis - cinco de homens e dois de mulheres - em torno dos quais faço algumas reflexões. Mantive simbolicamente a diferença entre o número de perfis masculinos e femininos, uma vez que os perfis marcados como masculinos aparecem em maior quantidade do que os femininos. Selecionei para esse estudo perfis que representam conteúdos recorrentes, sendo importante informar que identifiquei um grande número de perfis com conteúdos semelhantes.

Figura 1: “Não quero mulher para consumo”



Figura 2: "Você não é um prato de restaurante pra se expor assim"



Nestes dois perfis rapazes indicam que "tipos" de mulheres não lhes interessam e estabelecem as condições prévias para um possível relacionamento. Eles estabelecem um "padrão" de mulher e, ao fazer isso, posicionam como "mulheres para consumo", todas aquelas que possuem os atributos que eles estão rejeitando. Aliás, é possível dizer que eles traçam, a partir de suas rejeições, um perfil de mulher que se enquadra no que foi postulado pela revista *Veja* (Abril de 2016), ao apresentar a esposa do atual presidente brasileiro, definida como "bela, recatada e "do lar"". Tal postulado provocou muitas manifestações e debates, sobretudo, em espaços digitais como jornais, revistas e redes sociais, trazendo novamente ao debate a questão da liberdade de escolha das mulheres. Neste caso é associada à mulher a beleza, o pudor e o seu lugar de atuação social "o lar", o espaço privado. Não que haja algum problema nessa tríade, contudo, neste caso, ela é naturalizada e normatizada como própria ao universo feminino. Mary Del Priore (2001) indica que desde o início do século XIX associava-se ao comportamento feminino recato, discrição e amabilidade. Este é um estereótipo feminino que pode ser encontrado em um conjunto de produções culturais que incluem revistas que prescrevem modos de ser mulher. No que se refere ao critério "Fora Temer" essa parece ser uma característica que não agrada a uma quantidade expressiva de usuários do Tinder. Um grande número de homens, dentre os que figuram no material que tenho analisado, expressa não se interessar por mulheres que se identificam com políticas progressistas. O que nos possibilita elencar muitas hipóteses e reflexões, contudo, não me dedicarei a tais abordagens neste artigo.

Cabe indicar que as análises que estou conduzindo têm mostrado que há no Tinder um número significativo de homens que assumem critérios semelhantes aos enunciados pelos usuários que destaquei a partir das figuras 1 e 2 para estabelecer relacionamentos. Outros rejeitam mulheres que estão fora do padrão de beleza hegemônico e as que se narram como "mulheres livres", ou seja, aquelas que externam opiniões acerca de suas preferências sexuais, políticas etc, enfim todas aquelas que assumem posições sobre questões polêmicas fora dos padrões conservadores.

Figura 3: Mulher submissa

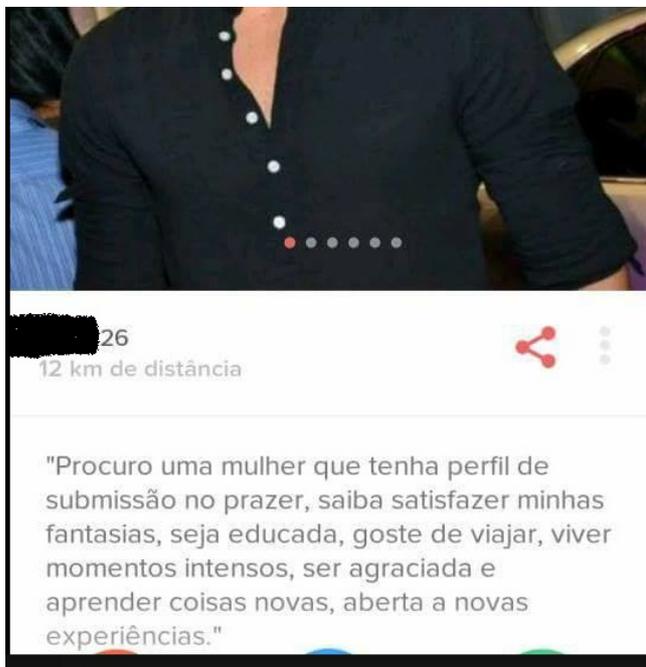
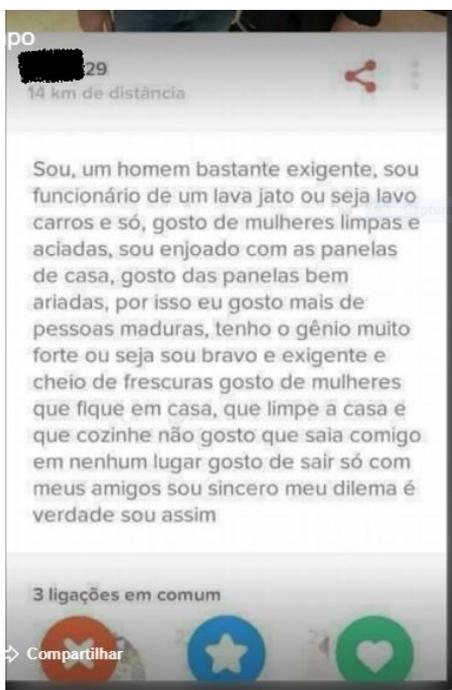


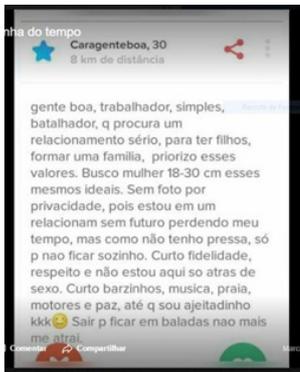
Figura 4: "Gosto de Mulheres limpas e asseadas"



Estes dois outros usuários do App também definem com clareza quem eles buscam para um relacionamento, mas, neste caso, *submissão* é o critério que está explicitamente indicado. O usuário da figura três exige *submissão* a seus múltiplos desejos e submissão a regras sociais. Ou seja, ele busca uma mulher para servi-lo de diferentes formas e, mais, uma mulher que esteja disponível para atender e se moldar a seus devaneios e fantasias. Este usuário do App "coisifica" as mulheres, ao considerá-las como um "objeto" para seu uso pessoal que é destituído de afetos, desejos etc. E tal estereótipo de feminino, tal como o que foi descrito por contraposição no comentário anterior, encontra-se registrado nas muitas histórias das mulheres narradas, por exemplo, por Del Priore (2001), que focaliza mulheres de diferentes estratos sociais e espaços de vivência, mas, também, Muraro (1992), Ockrent (2011).

Já no perfil da imagem quatro, além do usuário se apresentar objetivando apontar para a sua pretensa sinceridade, ele é objetivo quanto ao tipo de mulher que busca: limpa, "asseada", que limpe a casa, cozinhe, areie panelas, além disso, que goste de ficar em casa, sobretudo, quando ele sai com os amigos. Apesar de não indicar uma faixa etária, ele acredita que mulheres mais velhas possuem tais qualidades. Entre algumas das suas características estão: "ser bravo, exigente e cheio de frescura", o que vem a justificar uma possível agressividade, caso seja contrariado. Ele denota, também, ter pouca instrução a partir de erros cometidos na grafia de palavras. Um posicionamento como o destacado por este usuário do Tinder se insere em uma forma de pensar bastante enraizada culturalmente no país que atribui ao homem prerrogativas sobre a mulher (DEL PRIORE, 1997). Aliás, tal tipo de pensamento justificou, durante muito tempo, os crimes passionais, através dos quais os homens "lavavam sua honra". Mulheres que se aproximem da versão "Amélia", cantada na popular canção de Mário Lago e Ataulfo Alves (1942), e que representa um estereótipo de mulher submissa que coloca os desejos, fantasias e necessidades do homem em primeiro lugar, continua sendo almejada entre usuários como os aqui indicados. Às mulheres cabe controlar-se, valorizar-se, não expor-se publicamente. Uma descrição como a divulgada na figura 4 gesta-se neste tipo de narrativa e lhe confere legitimidade, posicionando os homens superiormente às mulheres, ou seja, nela se define os papéis sociais e os modos de ser de homens e mulheres também nos relacionamentos afetivos.

Figura 5: Mulher “para ter filhos e formar uma família”



Já neste perfil também há uma alternância entre uma descrição da “mulher” buscada e a do próprio usuário do App. O usuário se apresenta e ele define de antemão seu propósito - um “relacionamento sério” –, além de destacar que busca “alguém” que atenda melhor às suas expectativas, já que seu relacionamento atual não o satisfaz. Em certo sentido, no entanto, ele parece exigir “menos” do que os dois usuários anteriores, até porque ele se narra como um sujeito “simples”, mas que espera constituir uma família e o estereótipo de mulher que ele está buscando deve se ajustar a este padrão. Aliás, o ideal de família delineado em uma tal descrição foi bastante bem descrito por Del Priore (2005, p. 161): *uma família urbana e burguesa, cheia de filhos, e que sublinhava a diferença entre os papéis de homens e mulheres – ele o provedor e autoritário. Ela, econômica e dócil.* Então é porque ele busca um “relacionamento sério”, que a mulher precisa ter todos os requisitos que ele indica. Passo a seguir a comentar postagens feitas por algumas mulheres.

Figura 6: “Quero um macho Alpha”



Figura 7: Tudo que não quero



As duas mulheres cujas postagens reproduzi nas figuras 6 e 7 assumem estereótipos femininos que marcam seus “empoderamentos”. A usuária do perfil da figura seis se descreve como “extraordinária” e por isso explicita sua intenção de encontrar um “macho Alpha”. Porém, arrisco-me a referir que ela busca como parceiro um estereótipo de homem que se enquadra em um modelo hegemônico de masculinidade, em nossa sociedade - um sujeito que para ser considerado viril deve ser possessivo, ciumento, provedor e até mesmo agressivo. Cabe lembrar, mais uma vez, que as representações de masculinidades e feminilidades são construídas de maneira relacional no seio das culturas. Uma vez que considerar isoladamente tanto o masculino como o feminino *perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo.* (SCOTT, 1995, p.75).

Tanto as masculinidades quanto as feminilidades, como condutas e atitudes que regulam os modos de ser homem e mulher, compõem o processo de constituição dos gêneros, uma vez que nos tornamos sujeitos genericados por meio de práticas, interdições e discursos da cultura a qual pertencemos. Nesse estudo considero gênero um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta (Haraway, 1995, p. 221). Nesta direção a usuária do Tinder que apresento na figura 6 não parece se enquadrar no perfil de mulher “dócil”, frágil e “feminina” que a maioria dos “machos Alpha” procura. Já o perfil da usuária que apresento na figura sete também não se enquadra no perfil de uma mulher “dócil”, frágil e “feminina”, até porque ela lista com bastante objetivamente, e em especial,

as condições financeiras que espera do sujeito que venha a responder a seu “convite”. A foto postada no perfil parece, no entanto, indicar que os “motivos” que ela teria para fazer tais exigências, restringem-se a seus atributos físicos. Também neste caso há um enquadramento, tanto no modo pensar o que é ser mulher, quanto o que é ser homem, aos padrões definidos hegemonicamente para os mesmos. Cabe, então, destacar, a partir de Louro (LOURO, 2003, p.14) que

[...] os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se re-conhecem e se distinguem feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vais constituir, efetivamente, o que passa ser definido e vivido como masculinidade e feminilidades [...]

### **Pedagogias do Tinder**

As narrativas aqui compartilhada levaram-me a refletir sobre os perfis masculinos e femininos dos/as usuários/as do Tinder. Independentemente desses marcarem que tipos de parcerias/os almejam encontrar neste App, fica bem demarcado os estereótipos de masculino e feminino por eles/elas descritos.

E o que têm isso de pedagógico? Onde estão os ensinamentos e aprendizagens? Quando numa dinâmica de afetividade nos posicionamos de determinada maneira frente aos outros, posicionamos esses “outros”, por vezes até invocando uma representação negativa do tipo de sujeito que se espera encontrar. Quando colocamos “cada um no seu lugar”, essa afirmação sugere que há um lugar para cada um. Ser homem e ser mulher numa determinada cultura implica, entre outras coisas, posicionar-se em um determinado lugar que buscamos ocupar ou outras vezes, buscarmos escapar de um lugar em que outros nos têm posicionado. E essa busca de “localização” tem relação direta com a maneira como aprendemos a ser “homem” e a ser “mulher” e com a maneira como nos relacionamos, uma vez que:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado (LOURO, 2008, p.18).

É possível dizer que grande parte das narrativas produzidas no/sobre e para o Tinder possuem um estatuto pedagógico, pois marcam e atuam na produção de identidades de homens e mulheres, ao sugerirem modos de ser, portar-se e de narrar-se neste artefato. As postagens do Tinder comportam, além dos textos, fotos, sendo que essa têm uma grande importância para atrair os “likes”. Além disso, há reportagens e vídeos no Youtube que ensinam a como conseguir mais “matches”, sendo que tudo isso enriquece o “currículo” da Pedagogia do Tinder, pois possibilita o delineamento de novas configurações afetivas, bem como a reafirmação de modos de ser homem e mulher. A Pedagogia do Tinder atua atrelada a outros saberes comumente reiterados em outras instâncias, artefatos e pedagogias culturais. Steinberg (1997, p. 102-102) indica, ao tratar do conceito de Pedagogia Cultural, que [...] *A educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limita a ela. Locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita, tais como bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, videogames...* [...]

E em vários desses espaços

Aparecem narrativas masculinas vinculadas a um modelo de homem forte, provedor, chefe de família, conectado ao mundo público, da “rua” e do trabalho, competitivo, muitas vezes opressor, com pouco conexão com a esfera da vida privada, que não chora, não expressa sentimentos, que não possui intimidade com o terreno dos afetos, e que se comporta, às vezes de forma agressiva e violenta. [...] aparecem narrativas femininas baseadas em seu modelo de fragilidade, sensibilidade, afetividade, muitas vezes de submissão, encarnando os papéis de esposa, mãe e dona de casa (NASCIMENTO, 2004, p. 106).

A partir das contribuições dos teóricos aqui apontados e dos modos pelos quais os sujeitos, usuários/as do Tinder, se narram, bem como descrevem os/as parceiros/as que buscam através desse aplicativo é possível indicar que há modos de ser homem e ser mulher mais valorizados que outros neste artefato. Através da hierarquização de elementos tais como atributos físicos, formas de abordagem, vocabulário e objetivo nos relacionamentos afetivos, se regulam condutas e produzem modos de agir prescritos a homens e mulheres. Tais atributos podem ser considerados componentes do currículo do Tinder, uma vez que, segundo Tomaz Tadeu da Silva (1999) há questões que toda teoria do currículo enfrenta, tais como: *qual conhecimento deve ser ensinado? O que eles (alunos) ou elas (alunas) devem ser, ou melhor, que identidades construir? Com base em quais relações de poder serão essas perguntas respondidas?*

Considero que há no Tinder uma pedagogia que ensina como homens e mulheres, dentro da lógica heterossexual, devem ser parceiros afetivos, bem como o que se deve desejar em um/uma parceiro/a, qual o seu papel na relação afetiva, como devem se narrar neste artefato para se destacar e receber mais “likes”. Segundo Silva (1999) no pós-estruturalismo, o sujeito racional, autônomo e centrado da modernidade é uma ficção, pois *não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo cultural e social* (p. 120). Assim as aprendizagens em torno das questões afetivas para homens e mulheres são construídas dentro de um processo sociocultural, onde o Tinder é um artefato cultural que possui um estatuto pedagógico, pois reitera modos de “ser homem e ser mulher” que são evocados de diferentes maneiras.

Atentemos às nossas próprias aprendizagens ao que queremos nos tornar e ao que desejamos aos outros... Relacionar-se é compor-se, (re)significar-se, “rasgar-se e remendar-se”, como disse Guimarães Rosa, sendo muito mais complexo do que nos encaixar a modos de ser e exigir que os outros correspondam às nossas expectativas.

Que possamos nos dispor ao encontro amoroso sendo nós mesmos, cada um do seu jeito, possibilitando que o outro se revele a nós como ele próprio. Assim juntos, por meio do Tinder, ou em uma esquina qualquer talvez possamos aprender a sermos “nós” de uma maneira diferente das já conhecidas e reiteradas em nossa sociedade há tanto tempo. Quiçá juntos inventemos diferentes modos de ser para além do que se espera de homens e mulheres e assim produzir novas aprendizagens e novas pedagogias.

### **Referências Bibliográficas**

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital* Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, ed. 20, p.34-40, dez. 2008.

BARBOSA, Marialva. MORAIS, Osvando J. de. *Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades* São Paulo – SP. Intercom, 2013.

BARTHES, Roland (org.). *Análise Estrutural da Narrativa- pesquisas semiológicas*. Editora Vozes Ltda, Rio de Janeiro, 1971.

\_\_\_\_\_. *O discurso da História*. In: O Rumor na Língua. São Paulo, Brasiliense: 1983.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CULLER, Jonathan. Teoria Literária. São Paulo: Beca, 1999.

DEL PRIORI, M. (Org.). (2001). *Historia das mulheres no Brasil* 5ª ed. São Paulo: Contexto.

DUSCHATZKY Sílvia & Skliar, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Jorge (Orgs). *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte; Autêntica, 2001

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres*. La reinención de La naturaleza. Manuel Talens. Valencia: Madrid: Ediciones Catedra, 1995.

HINE, Christine. *Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge* In: HINE, Christine (Org.). *Virtual Methods*. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação* Educação e Realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pós-Proposições, São Paulo, v.19, n.2 (mai/ago), 2008, p.17-23.

SANTAELLA, Lúcia. *O DNA das redes sociais digitais*. In: BARBOSA, Marialva. MORAIS, Osvando J. de. *Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades*. São Paulo – SP. Intercom, 2013.

MURARO, Rose Marie. *A Mulher no Terceiro Milênio*. Editora Rosa dos Tempos, 1992.

NASCIMENTO, Marcos. (Re) pensando as "masculinidades adolescentes": homens jovens, gêneros e saúde. In: UZIEL; Anna Paula. RIOS, Lius Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS*. Rio de Janeiro: Pallas. Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p.105-113

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OCKRENT, Christine (org). *O livro negro da condição das mulheres*. Difel, 2011.